



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB O
OLHAR DO GESTOR: dificuldades e desafios de coordenadores de cursos de
graduação**

NATHALIA ROCHA DO NASCIMENTO

Brasília, setembro de 2013.

NATHALIA ROCHA DO NASCIMENTO

Trabalho final de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de licenciado em Pedagogia, à comissão examinadora da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília-Unb, sob a orientação da professora Dra. Silvia Ester Orrú.

Folha de aprovação

NATHALIA ROCHA DO NASCIMENTO

**A EDUCAÇÃO INCLUSIVA SOB O
OLHAR DO GESTOR: dificuldades e desafios de coordenadores de cursos de
graduação**

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de licenciado em Pedagogia, submetido à comissão examinadora da Faculdade de Educação – FE da Universidade de Brasília-Unb .

Comissão examinadora:

Profª. Dra. Silvia Ester Orrú (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profª.Dra . NARA PIMENTEL (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profª. Dra. SINARA POLLOM ZARDO (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que foi Aquele que me deu a vida, força e o sentido de viver , pela capacidade que Ele a mim constituiu , assim como pelas oportunidades que me foram proporcionadas as quais agarrei para que pudesse chegar no lugar onde estou.

Agradeço a minha professora e orientadora Dra. Silvia Ester Orrú, pela paciência, dedicação , pelo tempo que disponibilizou a me orientar e também por sua preciosa amizade .

A Universidade de Brasília e aos coordenadores dos cursos de graduação pela disponibilidade de tempo e apoio durante a realização das atividades de pesquisa.

Aos meus pais Silaercio e Jane que durante toda minha existência têm me dado apoio , dedicação e com exemplo de vida me ensinam a escolher o melhor. Agradeço aos meus irmãos Felipe, Amanda e a minha avó Terezinha que todo tempo durante minha trajetória me ofereceram seu apoio e amor.

Ao meu namorado e amigo Marcus que com seu amor e paciência durante todo tempo esteve ao meu lado me apoiando e ajudando para que eu pudesse superar todas as dificuldades enfrentadas durante o caminho percorrido.

As minha amigas Priscila, Andreia e Deborah que a todo momento com suas amizades contribuíram grandemente para que eu alcançasse os objetivos almejados.

A todos acima citados e todos que de alguma forma contribuíram diretamente ou indiretamente para execução deste trabalho, muito obrigada.

Cada vez que você faz uma opção está transformando sua essência em alguma coisa um pouco diferente do que era antes.

(C. S. Lewis)

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
APRESENTAÇÃO.....	11
PARTE I - MEMORIAL.....	12
PARTE II - ESTUDO E PESQUISA.....	20
INTRODUÇÃO.....	20
1. UM POUCO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL.....	23
1.1. Fundamentos Legais que Amparam o Educando com Necessidades Especiais	23
2 O UNIVERSITÁRIO COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS	29
2.1 A Universidade Pública e a Educação inclusiva.....	29
2.2 Contribuições para uma Gestão Numa Perspectiva Inclusiva.....	33
3. ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
3.1 Objetivo da Pesquisa.....	37
3.1 Metodologia.....	37
3.3 Realização da Pesquisa.....	38
3.4 Apresentação dos Resultados e Análise de dados	39
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49

5. PERSPECTIVAS FUTURAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	52
6. REFERÊNCIAS.....	54
7. ANEXO.....	58

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada no período de abril de 2011 a março de 2012 e trata sobre a identificação de dificuldades percebidas pelos coordenadores de cursos de graduação no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem dos universitários com necessidades especiais da Universidade de Brasília. Como referenciais teóricos foram utilizados documentos nacionais que abordam a questão da educação inclusiva, além dos princípios da abordagem histórico-cultural para a compreensão do estudante com necessidades especiais como um sujeito com possibilidades de aprendizagem. Similar, uma reflexão sobre a importância do envolvimento do gestor para a construção de uma educação de qualidade. A pesquisa se caracteriza como qualitativa pela descrição dos dados obtidos pelo contato direto com o contexto estudado, na busca de desenharmos a perspectiva dos participantes a partir dos fatos sociais que envolvem o coordenador de curso e o universitário com necessidades especiais e que permeiam a prática pedagógica. Os participantes foram 33 coordenadores de cursos variados. O instrumento para a coleta de dados foi uma entrevista estruturada, composta por 08 questões sobre: a conceituação do universitário com necessidades especiais; as dificuldades enfrentadas pelo professor no trabalho pedagógico; a relevância de capacitação dos professores e se o projeto pedagógico do curso refletia a questão da educação inclusiva e sua contribuição para a formação deste estudante. Os resultados apontam à identificação que existem dificuldades para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico dentro de uma perspectiva de educação inclusiva e que maior investimento em infraestrutura e capacitação dos professores é algo desejável e necessário.

Palavras-chave: universitário; necessidades educacionais especiais; inclusão.

ABSTRACT

This job is the result of a survey conducted from April 2011 to March 2012 and deals with the identification of difficulties perceived by the coordinators of undergraduate courses with regard to the teaching and learning of students with special needs at the University of Brasília. Were used as theoretical national documents that address the issue of inclusive education, and the principles of cultural-historical approach to understanding the special needs student as an individual with learning opportunities. Similarly, a reflection on the importance of the involvement of the manager for the construction of a quality education. The research is characterized by a qualitative description of the data obtained by direct contact with the studied context, seeking we draw the perspective of the participants from the social facts surrounding the course coordinator and the university with special needs and that permeate the teaching practice. Participants were 33 coordinators varied courses. The instrument for data collection was a structured interview consisting of 08 questions on the concept of the university with special needs, the difficulties faced by the teacher in the pedagogical work, the importance of teacher training and pedagogical design of the course reflected the issue of inclusive education and its contribution to the formation of this student. The results point to identify that there are difficulties for the development of a pedagogical work within a perspective of inclusive education and greater investment in infrastructure and teacher training is desirable and necessary.

Keywords: university, special educational needs, inclusion.

Apresentação

Este trabalho de conclusão de curso consiste em uma exigência curricular do curso de pedagogia da universidade de Brasília. Sua realização integra três partes fundamentais: Memorial educativo, Monografia e por ultimo apresento algumas perspectivas com relação ao processo educacional na área da educação especial.

O memorial educativo fala a respeito da trajetória por mim percorrida durante todo tempo de estudo até aqui vivido , desde meu ingresso na escola até minha conclusão da graduação no ensino superior.

A monografia : ela consiste na elaboração do estudo de pesquisa, a pesquisa propriamente dita, na qual investigo as dificuldades e desafios que os coordenadores dos cursos de graduação da Universidade de Brasília enfrentam junto aos estudantes com necessidades educacionais especiais durante seu processo educacional.

Ao final do trabalho apresento uma visão em relação às perspectivas referentes a educação especial no ensino superior .

Parte i- Memorial Educativo

Memorial educativo

Nasci no dia 12 de Dezembro de 1988 , filha de Jane Wilma dos Santos Rocha do Nascimento e Silaercio Bezerra do Nascimento em Belém capital do estado do Pará, um estado pertencente a região Norte do Brasil que possui muita diversidade e riquezas culturais em sua culinária, frutas típicas, danças, músicas, mitos regionais e outros.

Quando nasci já tinha dois irmãos , um irmão de consideração, Felipe Bruno, que na verdade é filho do meu tio irmão de minha mãe que faleceu, e uma irmã Amanda, filha de meus pais. Nós crescemos em uma casa simples , sempre cheia e que apesar de não possuímos muitos bens nunca nos faltou nada.

Quando tinha dois anos idade meus pais tomaram uma decisão muito difícil, de ir embora do país devido a vários acontecimentos políticos que estavam ocorrendo e a instabilidade econômica que era grande. Meus pai pediu licença de seu trabalho por dois anos e assim fomos morar em outro lugar. Devido minha família paterna já estar morando lá por algum tempo, recebemos todo apoio em nossa chegada e até nos estabilizarmos. Moramos fora do Brasil durante dois anos e durante esse tempo meus pais trabalharam e juntaram um capital financeiro para que eles pudessem usar de acordo com as nossas necessidades , depois tivemos que voltar para que meu pai reassumisse o seu trabalho

Minha vida escolar começou quando eu tinha 4 anos , antes disto eu morava em outro país com meus pais sendo assim tudo que eu conhecia a respeito do idioma português era o que eu ouvia eles conversarem com outras pessoas. Depois de dois anos voltamos a morar em nossa terra natal que é a

cidade de Belém no estado do Pará, o que foi uma grande marco pois a realidade de uma lugar para outro é bastante diferenciada.

O Estado do Pará é o segundo maior estado em território do país , contando com uma população de 7.321.493 habitantes dentre suas várias cidades, sua capital é o município de Belém, que reúne em sua região metropolitana cerca de 2,1 milhões de habitantes. O estado do Pará é uma local com muitas riquezas culturais: na música, que recepciona diversas influências através dos séculos os ritmos mais famosos são o carimbo e o brega, nas comidas que apresenta como sua maior influência a cultura indígena e, um pouco da portuguesa e africana, nos artesanatos e etc.

Por ter morado em outro país dos 2 aos quatro anos de idade ao ingressar na escola ainda não sabia ler nem escrever, e assim enfrentando algumas dificuldades para me adaptar a nova realidade de costumes, nova língua, novo lugar e outros. Havia uma pequena escola no local onde morávamos que se chamava Belo Saber . Recordo-me que todos os dias minha mãe preparava o lanche dos meus irmãos e o meu e nos deixava e nos buscava na escola todos os dias . Minha irmã passou por muitas dificuldades na fase de adaptação pois ela chorava muito para não ficar na escola e por consequência eu chorava também. Mas foi apenas durante os primeiros dias depois começamos a nos acostumar , apesar de ter sido um momento tão marcante , não me recordo me muitas lembranças sobre como foi o processo de alfabetização que vivi, por meio de fotos e informações dadas pela minha família pude perceber que logo consegui ser alfabetizada e que gostava da prática da leitura pois na formatura da fase concluída , que antigamente chamava-se de alfabetização, fui a oradora das turmas.

Ao terminar esta fase lembro-me que mudamos de casa , fomos morar no centro da cidade de Belém pois lá as escolas eram melhores das que as que haviam nos municípios . Meus pais matricularam a mim e a minha irmã na escola estadual Bem Vinda De França Messias e meu irmão na escola Batista . Logo nos adaptamos ao novo ambiente e fizemos novos amigos, e com relação a escola a professora pediu para que meus pais conversassem comigo pois eu apreendia as matérias primeiro que os meus colegas, fazia rápido as atividades e os atrapalhava para tentar ensiná-los, brincar ou conversar. E eles conversaram e eu mudei meu comportamento. Ao terminar o ano letivo meu pai recebeu uma proposta para ir trabalhar em Brasília , após ele fazer o curso preparatório e passar na prova partimos rumo a Capital federal.

Ao chegarmos em Brasília meu pai alugou um apartamento na 409 sul, e eu fui matriculada na escola 410 sul, minha irmã na 209 e meu irmão na 114 sul. No primeiro dia de aula meu irmão passou por uma crise de choro pois não queria estudar em uma escola caindo aos pedaços. Na época meu pai não tinha dinheiro para nos matricular em uma escola particular como em Belém pois a diferença de preços era absurda. Com muita conversa e paciência meus pais conseguiram contornar o momento de crise que meu irmão vivia e foi uma fase bastante complicada pois minha mãe devido à mudança também estava muito triste. Nós todos fomos tentando nos adaptar à nova realidade. Eu ia bem nos estudos, sempre gostei bastante de estudar e pegava rápido o que era ensinado , mas minha irmã passou por muitas dificuldades com o aprendizado da disciplina de matemática, ela não conseguia entender o que era ensinado. Então minha mãe com jeito foi lhe ensinando e também começou a fazer aulas de reforço com a professora Ivone que foi uma pessoa que até hoje nos lembramos dela com muito carinho pois ajudou muito minha irmã. Nesta mesma fase meu pai incentivou minha mãe a retomar os estudos e ela foi estudar na escola normal de Brasília e lá ela concluiu o curso normal para ser professora , porém ela nunca exerceu a profissão pois na mesma época meu irmão começou a dar muito trabalho na

escola e ela abriu mão para que ela pudesse acompanhá-lo mais e evitar de que ele andasse com más companhias , se meter em brigas e reprovar o ano letivo. O ano de 1998 foi de muitas mudanças.

Apesar desta fase ter sido bastante complicada começamos outra que foi no ano 1999. Meus pais decidiram comprar a casa própria porque o aluguel só crescia e era também muito pequeno, assim uma amiga de família nos apresentou o Residencial Santos Dumont, um condomínio próximo a cidade de Santa Maria, que inicialmente era destinado a funcionários da aeronáutica e que depois os funcionários públicos puderam comprar também e assim meu pai adquiriu a nossa casa. Nós nos mudamos no meio do ano, eu e minha irmã começamos a estudar em uma nova escola e o meu irmão continuou onde estava no plano piloto estudando pois para a série que ele estava era melhor ele continuar lá. Nós duas nos adaptamos à nova escola , recordo-me que no primeiro dia de aula eu estava morrendo de vergonha e demorei um pouco para fazer amizades pois ainda estava muito ligada às minhas amizades antigas , de onde eu morava. Terminamos o ano letivo sem problemas e eu fui para o 1º ano do fundamental e minha irmã para o 2º , me recordo que foi a partir deste momento que eu passei a desgostar da disciplina de matemática pois eu me deparei com um péssimo professor . Minhas notas caíram bastante e meus pais com tantas coisas para fazer não souberam observar que isso estava acontecendo e intervir da melhor forma, eles apenas observavam se eu e minha irmã havíamos passado. Se sim, estava bom. Durante todo o meu período do ensino fundamental eu tive um ou outro professor que realmente se importava com o aluno então foi uma fase na qual fiquei muito marcada porque até os dias atuais quando me recordo sinto tristeza por não ter tido uma melhor estudo e orientação em uma fase que é tão importante pois é a base para tudo que eu iria ver no ensino médio.

Mas concluído o ensino fundamental comecei a vivenciar uma nova fase, que foi o de começar o ensino médio. Meus pais matricularam a mim e a minha irmã na Centro de Ensino Médio Setor Leste , que se localiza na L2 Sul. Em meu

primeiro ano gostei bastante tudo novo , professores , colegas e etc. Pude conhecer muitas pessoas das mais variadas localidades de Brasília . Recordo-me que eu gostei bastante do educador de matemática e que por isso e voltei a gostar da disciplina, ele explicava de forma que nós entendíamos e quem tinha dúvidas tinha liberdade para tirá-las, e por eu ter tido uma base não tão boa então enfrentei algumas dificuldades de aprendizagem. Foi aí que contei com muita ajuda do professor e dos colegas que ajudavam também a resolver os problemas e sanar as dúvidas, mas como nem tudo são flores eu não pude contar com o bom educador na matéria de física pois ele não dava aula direito apenas nos incentivava a pagar a APAM (Associação de Pais e Mestres) e quem levasse os comprovantes dos meses no decorrer do ano ganhava pontos. Foi uma situação bastante difícil pois quem tinha dificuldades com a matéria ficava sem entender e passava de ano só pagando a APAM e quem entendia por já ter um conhecimento prévio ou uma facilidade com a matéria ministrada também passava só que levando o conhecimento consigo. Já no segundo ano do segundo grau foi bem diferente pois o professor de física se chamava Professor Divino ele me marcou muito pois antes de eu estudar com ele eu ouvia falar de sua fama de ser exigente, grosseiro, ser difícil de passar com ele e etc. Mas quando eu fui ter aula com ele eu achei totalmente ao contrário me identifiquei muito com sua forma didática, com sua pessoa e as reflexões que ele fazia na sala de aula nos incentivando a estudar. Posso afirmar que até hoje me recordo do conteúdo ministrado e dizer que apreendi o conhecimento passado por ele, foi uma experiência muito legal. Em meu terceiro e último, foi uma no de muitos conflitos pois estava na dúvida sobre o que fazer da minha vida quando aquele ano acabasse, o que eu mais gostei nele foi o clima de formatura e a preparação para formatura, e além disto outro ponto que gostei foi de ter cursado as disciplinas de matemática e física com outros dois professores maravilhosos , eu conseguia entender , me interessar pela matéria e fazer os exercícios com propriedade do assunto, eu gostei bastante. No decorrer do ano fizemos e participamos dos preparativos para a formatura e estávamos super empolgados e ao chegar final

do ano participamos do Baile de formatura o que foi muito legal e animado. Mas como nem tudo é para sempre uma etapa havia sido concluída e outra acabava de começar.

Ao terminar o ensino médio eu queria entrar para faculdade e fazer o curso de fisioterapia porém como qualquer outro curso na área de saúde a mensalidade na faculdade particular era muito cara e meus pais não tinham condições de arcar, sendo assim eu fiquei um semestre parada pensando o que eu iria fazer e depois de passado esse um semestre eu conversei com meus pais e lhes pedi que pagassem uma cursinho pré-vestibular para que eu tentasse passar na Unb. Ao concordarem e me darem o total apoio eu comecei a estudar. Como eu não passei na primeira seleção fiz novamente cursinho e nos dois vestibulares eu colocava psicologia como o curso que gostaria de cursar, ao não passar nos dois meus pais conversaram comigo me falando que psicologia não era uma bom curso para mim pois sua inserção no mercado de trabalho era demorada e o retorno financeiro seria a longo prazo. Então me propuseram de que eu fizesse vestibular para um curso que eu pudesse rapidamente trabalhar e assim depois com dinheiro eu poderia fazer o que eu quisesse. E assim eu fiz, pesquisei os cursos de boa inserção no mercado de trabalho e dentre eles estava pedagogia, e como eu também gostava da área decidi prestar vestibular para ele, em agosto que de 2009 eu estava comemorando com minha família o resultado pois eu havia passado e todos nós estávamos muito felizes, foi uma festa só.

Ao entrar no curso pegai disciplinas mais gerais no primeiro semestre e a partir do segundo mais específicas sobre o processo de educação e uma área que logo me identifiquei que foi a educação especial. Tive uma professora maravilhosa, Fátima Vidal, que nos leva a refletir bastante sobre a questão discutida, porém ainda não foi neste momento que decidi me envolver com a questão. Dois semestres depois cursei uma outra disciplina sobre a Organização da educação brasileira que foi muito marcante pois eu adoro essa parte de gestão e organização então pude estudar com todo prazer o que eu me identificava e sem

falar que a professora Nara era de uma didática maravilhosa . Mas como antes ainda não foi neste momento que me aprofundei na questão, passado este semestre dois depois cursei outra disciplina da educação especial com outra professora Silvia Ester Orrú divina , me identifiquei muito com sua didática , suas reflexões e os espaços em sala para discutirmos o assunto e sem falar o assunto ministrado que já era algo que me interessava bastante, ao terminar o semestre mais ou menos dois meses depois ela me chamou para participar de um projeto de pesquisa dentro da Universidade de Brasília e eu aceitei. Foi uma experiência maravilhosa esta pesquisa foi realizada na Universidade de Brasília durante o período de abril de 2011 a março de 2012 , que contou com a participação de 33 coordenadores de diversos cursos fizemos entrevista com eles para que pudéssemos conhecer melhor a respeito da problemática que levantávamos da relação entre educação inclusiva e gestão , ou seja eu estava me envolvendo com os dois temas que eu mais havia gostado durante o meu curso de graduação , e por meio da pesquisa e do artigo escrito a partir dela comecei este trabalho de final de curso. E assim o meu interesse pelos temas só vem crescendo e gerando mais ânimos de continuar a pesquisa, agora em fundamentos teóricos, em vista de conhecer e entender melhor sobre todo um sistema que vem sendo colocado e discutido neste trabalho e repensado neste trabalho.

Parte II

ESTUDO E PESQUISA

I- Introdução

Ao longo da história observa-se a escola ocupando um papel social importantíssimo . Em um passado recente o acesso a escola era privilégio apenas das altas camadas sociais, a elite brasileira. O país, ao passar por várias mudanças sociais significativas, teve por consequência, também em sua organização educativa, várias modificações no que se refere ao acesso da população brasileira pertencente a camada social popular . Em que, essa camada popular passou a ter a chance de estudar e participar de um espaço que promove novas possibilidades e oportunidades devido ao seu ambiente de socialização e seu caráter de promover o ensino e assim contribuir no desenvolvimento do cidadão e do profissional.

Assim como a escola o espaço universitário também ocupa um papel social ímpar , ao ser aquele espaço que contribuirá para a formação dos futuros cidadãos e profissionais que contribuirão para o desenvolvimento do país em que se vive. Na educação superior as relações sociais acontecem, de forma que ideais e pensamento são compartilhados em vista de se produzir um maior conhecimento. Sendo assim, o espaço universitário deve ser um ambiente acolhedor, ou seja em que todos se sintam valorizados, integrados e com acesso à todas as oportunidades oferecidas pela instituição. Mas para que de fato se

tenha um espaço assim , acredita-se que a gestão deverá se envolver e trabalhar, junto ao corpo docente e discente , na busca por oferecer aos estudantes com necessidades educacionais especiais o melhor espaço de estudo possível. A partir dessa reflexão vem o questionamento: quais as dificuldades e desafios que coordenadores de cursos de graduação enfrentam para promover uma educação inclusiva?

O interesse pelo tema surgiu ao longo do tempo no desenvolvimento de uma pesquisa na Universidade de Brasília feita com 33 coordenadores dos cursos de graduação. No momento em que comecei a observar quanto se faz necessário uma maior comprometimento da gestão para que o universitário com necessidades educacionais especiais de fato possa desfrutar de um espaço inclusivo.

Durante o trabalho foram desenvolvidos subtemas como : fundamentos legais que amparam o estudante com necessidades educacionais especiais, a universidade pública e a educação inclusiva, gestão e suas contribuições para uma educação inclusiva e por último a verificação dos desafios e as dificuldades que os gestores enfrentam na realização de seus trabalhos para promover uma educação em uma perspectiva inclusiva.

Para a realização desse trabalho ,foi utilizada uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e uma pesquisa de campo, afim de reunir subsídios para argumentações que proporcionarão algumas respostas a situação problema deste trabalho.

Na realização da pesquisa de campo , foram realizadas entrevistas com 33 coordenadores de diferentes cursos de graduação da Universidade de Brasília, analisou-se ainda na pesquisa as adaptações do espaço e os materiais de apoio oferecidos. Para facilitar a compreensão e a análise dos resultados alguns objetivos foram traçados na realização:

O objetivo geral:

Verificar se ocorre a educação inclusiva sob o olhar do gestor e quais são as dificuldades e desafios que os coordenadores de cursos de graduação enfrentam no trabalho junto aos estudantes com necessidades educacionais especiais.

Diretamente ligados ao objetivo geral os objetivos específicos são :

- Observar como o educando com necessidades especiais é percebido pelos coordenadores de cursos;

Identificar quais são as dificuldades e desafios que os coordenadores enfrentam no trabalho diário junto a este estudante;

- Identificar se o projeto político pedagógico prevê ações que apoiem e ofereçam suporte para a inclusão do educando com necessidades educacionais especiais;
- Problematicar de que forma a gestão de fato pode contribuir para uma educação inclusiva.

Os dados obtidos na pesquisa foram analisados e confrontados com o referencial teórico e com as hipóteses iniciais , afim de que ao final do presente trabalho o objetivo geral e os específicos fossem atingidos.

CAPITULO 1 – UM POUCO SOBRE A EDUCAÇÃO ESPECIAL

1.1 - Fundamentos Legais que Amparam o Educando com Necessidades Especiais

O Brasil ao concordar com a Declaração Mundial de Educação para todos na conferência Mundial da UNESCO, em 1990, fez a opção pela construção de um sistema educacional inclusivo. Tornou-se signatário da declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) onde reafirmou esse compromisso no aspecto inclusivo. Tal ação trouxe visibilidade às questões de inclusão e exclusão na educação. A partir dessa visibilidade à educação inclusiva, instalou-se um processo de grandes transformações no sistema Nacional brasileiro, como mudanças na legislação e na elaboração de diretrizes nacionais para educação. Todos norteados pela educação inclusiva (FERRARI; SEKKEL, 2007).

No Art. 58 e 59 da LDB, no capítulo V, refere-se à educação especial como modalidade de ensino, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais (Lei de Diretrizes e Bases nº 9394, ano: 1996). Neste capítulo assegura aos estudantes com necessidades especiais:

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial.

§2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições

específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Ao que se refere ao artigo Art. 59 (LDB, 1996) é importante mencionar que os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II – terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular.

Observa-se que há todo um amparo para que seja possível, não somente para o ingresso dos estudantes com necessidades educacionais na rede pública de ensino, mas para a sua permanência e desenvolvimento dentro da instituição inclusiva. Neste sentido a definição é dada pela Diretrizes Nacionais para a

Educação Especial na Educação Básica (Brasil,2001,p.40),sobre instituição de educação inclusiva como aquela que:

“Assume uma nova postura , que propõe no projeto pedagógico – o currículo, na metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores – ações que favoreçam sua interação social e sua opção por práticas heterogenias. A escola capacita seus professores, preparam-se, organiza-se e adapta-se para oferecer educação de qualidade a todos inclusive aos educandos que apresentam necessidades especiais. Inclusão, portanto, não significa simplesmente matricular todos os educandos com necessidades educacionais especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor o suporte necessário a sua ação pedagógica.”

Segundo a resolução nº 4/2009 do CNE/MEC , que institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na modalidade de Educação Especial, identifica aqueles estudantes alvos do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que são:

Art. 4º Para fins destas Diretrizes, considera-se público-alvo do AEE:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial;

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação;

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

O educando com necessidades educacionais especiais será incluído no ensino regular, que por sua vez, a instituição educativa por meio de uma educação inclusiva mediará seu processo de ensino aprendido.

Segundo FERREIRA e GUIMARÃES (2003,) entende-se por educação inclusiva como aquela que proporcionará ao seu aluno com deficiência um ritmo de vida natural com horários determinados pela a escola e atividades, o que inclui ter liberdade de escolha, desejos respeitados e considerados baseando-se na pessoa com deficiência “tal como ela é”, o que não significa em algum momento convertê-la em normal”, mas sim, considerando suas limitações , reconhecendo-as, bem como, oferecendo serviços e condições necessárias para seu desenvolvimento como profissional no futuro. Ou seja, a educação inclusiva como aquela que assume o papel mais formativo e ético da escola que busca incentivar a cidadania das crianças, jovens e adultos, celebrando as diferenças , o direito de pertencer , a valorização da diversidade humana, solidariedade das minorias, cidadania com qualidade de vida.

Considera-se pessoa com deficiência, aquela que tem impedimentos em longo prazo, sendo tal impedimento de natureza física, mental ou sensorial. Em sua interação com o meio se depara com diversas barreiras, podendo restringir sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade (Brasil , 2011). Nesta perspectiva a inclusão escolar pode transformar as escolas, de modo que se tornem espaços de formação e de ensino de qualidade para todos os alunos. Mantoan (2002) afirma que:

Para que as escolas sejam verdadeiramente inclusivas, ou seja, abertas à diversidade, há que se reverter o modo de pensar, e de fazer educação nas salas de aula, de planejar e de avaliar o ensino e de formar e aperfeiçoar o professor, especialmente os que atuam no Ensino Fundamental. Entre outras inovações, a inclusão implica também uma outra fusão, a do ensino regular com o especial e em opções alternativas/aumentativas da qualidade de ensino para os aprendizes em geral.

Segundo a declaração de Salamanca (1994) “toda pessoa tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem”, (com adaptações) sendo assim, todo educando tem o direito de ser educado em um ambiente acolhedor e disposto a realizar adaptações necessárias a recebê-lo, onde a instituição educativa realize as mudanças necessárias no processo de ensino/aprendizagem para proporcionar ao estudante um ambiente propício ao aprendizado e estímulo às suas capacidades interativas, ainda que essa tarefa não seja fácil, coibindo o isolamento contínuo.

Com relação a educação especial o Plano Nacional de Educação (2001) faz uma abordagem importante e mais profunda referente ao educando com necessidades especiais, pois aborda medidas essenciais para se realizar um bom atendimento em todos os níveis de ensino. Algumas medidas são: ter equipamentos necessários, garantia de vagas, especialistas junto ao trabalho de apoio, auxílio financeiro às famílias de baixa renda para que possam manter o educando na escola, profissionais capacitados e uma escola que em seu ambiente haja integração de todos os seus constituintes, tanto alunos como professores. Neste contexto, a secretaria de educação do Distrito Federal , em vista de assegurar a igualdade de condições para o acesso e permanência na escolar, oferece o atendimento educacional especializado ou de atendimento exclusivo aos educandos que precisarem em decorrência de sua necessidade, se não, o estudante será inserido nas classes comuns de ensino regular .

Observa-se que tais formas de atendimento são ferramentas para atender o educando, auxiliando-o e mediando o seu processo de ensino e aprendizado. Porém, para além disto, o papel delas é também contribuir para o desenvolvimento social e psicológico de cada educando, sabendo-se que cada experiência tanto com o corpo docente como com o discente será muito importante, visto que o trabalho não é somente o de envolver o aluno com a

escola, mas também integrá-lo à sociedade em todos os seus aspectos como nos afirmam Martinez e Tacca (2011), numa perspectiva histórico-cultural:

“ [...] enfocamos a aprendizagem escolar a partir da importância de enfatizar, não as políticas de inclusão em primeiro plano, mas as condições e oportunidades que, na escola, permitem aos sujeitos superarem obstáculos pessoais, relacionais e sociais no seu processo de apreender. “

Pode-se observar que existe todo um amparo legal que rege o processo de inserção, de ensino e aprendizagem e permanência no ensino regular do educando com necessidades educacionais especiais , visando o seu desenvolvimento e uma educação especial preparando-o para o trabalho e visando a sua efetiva integração na vida em sociedade . Neste contexto, apesar da educação especial caminhar em caminho diferente ao da educação superior há um momento no qual se encontram em decorrência de toda a discursão que historicamente se levanta a respeito do portador de necessidades educacionais especiais , em que as universidades também seguem as diretrizes sociais de inclusão com o objetivo de formar cidadãos com qualificação necessária para a inserção no mercado de trabalho, em consequência vem sendo discutida medidas e propostas para que as instituições de ensino superior possam proporcionar um espaço de aprendizado e qualificação do universitário com necessidades educacionais especiais.

2 - UNIVERSITÁRIOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: ALGUMAS REFLEXÕES

2.1 A Universidade Pública e a Educação inclusiva

Chaui (2003) afirma que a universidade sempre é uma instituição social , ou seja, “ uma pratica social fundada no reconhecimento público de sua legitimidade e de suas atribuições . . . de cunho republicano e democrático ” (com adaptações). A educação superior é uma pratica social que acompanhou e acompanha as transformações sociais que ocorrem ao longo do tempo sejam elas sociais , económicas e/ou politicas . Segundo Chaui (2003, p. 5) a universidade é “ uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e modo de funcionamento da sociedade como um todo”, observa-se no interior dos espaços universitários, assim como na sociedade, divergências de opiniões , objetivos , atitudes que expressarão os próprios e diferentes interesses sociais.

Neste contexto a formação educacional oferecida aos estudantes com necessidades educacionais especiais é uma questão que socialmente vem sendo discutida e repensada ao longo do tempo em que, assim como na educação infantil, a educação superior tem representado um desafio no sentido de , como afirma Moreira (2005, p,2) , garantir aos alunos com necessidades educacionais especiais na universidade a formação intelectual, cultural e política, devendo também ampliar o significado de sua função social promovendo o direito a educação e a igualdade de oportunidades a esses estudantes, e assim possa alcançar suas finalidades conforme o Art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96 sobre as finalidades da Educação superior descata:

I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

A educação especial , ao longo do tempo, foi e é uma questão que vem cada vez mais sendo discutida e repensada, mas na maioria das vezes relativa a educação básica , na educação superior é principalmente a partir da década de 1990 que ela recebe amparos legais , os quais lidarão com a questão. A primeira portaria foi a de nº 1793/1994 que recomendou a alguns cursos superiores a

inclusão de disciplinas relativas a integração dos alunos com necessidades educacionais especiais. Mas só em Maio de 1996 as instituições de ensino superior receberam o Aviso Circular 277/MEC/GM que propõe propostas para o ingresso, permanência dos estudantes com necessidades especiais e a operacionalização do ensino, preveu a inclusão da disciplina: “aspectos ético-político educacionais da normatização e integração da pessoa portadora de necessidades educacionais especiais”, prioritariamente, nos cursos de pedagogia, psicologia e em todas as licenciaturas, nos cursos de ciência da saúde, serviço social e demais cursos superiores. Assim muitas universidades começaram a se movimentar de forma a atender as sugestões e exigências do MEC. Porém em 2001 foi realizada uma pesquisa nas universidades estaduais, federais, e particulares, nos cursos de pedagogia e psicologia dos estados de São Paulo e Mato Grosso em que foram analisados as grades curriculares, dos 58 cursos, apenas 13 apresentaram alterações, 22,5% do total estudado.

O universitário com necessidades educacionais especiais no ensino superior são alunos que concluíram o ensino médio e ingressam na universidade para dar continuidade aos seus estudos. Apesar dos suportes legais que amparam esse aluno durante o ensino regular, sabe-se que ainda assim ele costuma enfrentar muitas dificuldades de ordem social e educacional para alcançar sua “vaga”, seu espaço no ensino superior.

O ambiente universitário deve recepcionar os novos estudantes com necessidades educacionais especiais devendo ser um espaço acolhedor, ou seja, aquele ambiente em que os alunos possam se sentir à vontade para serem eles mesmos, sem negar suas limitações, mas sim, tornando sua experiência universitária repleta de sentido e significado que serão subjetivos e singulares em seu processo de aprendizado e, desta forma, visando uma educação de qualidade a todos os educando assim como prevê a Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI:

[...] prover um espaço aberto de oportunidades para o ensino superior e para a aprendizagem permanente, oferecendo uma ampla gama de opções e a possibilidade de alguns pontos flexíveis de ingresso e conclusão dentro do sistema (1998).

Caso não ocorra este movimento, lamentavelmente, o espaço universitário poderá se mostrar de modo excludente, não considerando as singularidades dos estudantes com necessidades especiais como parte importante de seu processo educacional.

Para Moreira (2003 p 89) o universitário com necessidades educacionais especiais necessita de apoio e suporte para que seu processo educacional possa ser de qualidade, preparando-o e oferecendo-lhe, de forma igualitária, as mesmas oportunidades entre todos os demais universitários:

“Os alunos com necessidades educacionais especiais na universidade também precisam de apoio e complementos educativos, isto é, de um conjunto de procedimento que visam a igualdade de oportunidades. Isso Não significa especializar as necessidades atribuídas a esses alunos, mas ultrapassar o modelo de aluno considerado normal e esperado pela instituição escolar.”
(p. 89)

Evidencia-se, portanto, o cuidado necessário para não haver negligência quanto as necessidades especiais deste universitário que “demanda apoio, suporte e compreensão de que apresenta limitações, porém, sobretudo, entender que se constitui como um sujeito com possibilidades de aprendizagem.” (MARTINEZ E TACCA, 2011, p 10).

2.2 Contribuições para uma gestão numa perspectiva inclusiva

Para que ocorra este movimento de inclusão e um atendimento qualitativo ao educando com necessidades especiais no ensino superior precisa-se partir de uma gestão inclusiva, ou seja, aquela que pensa, considera e visa uma educação inclusiva. De forma que conduza a universidade como um todo refletir, identificar e debater sobre as transformações que podem ser necessárias e, desta maneira, se reorganizar, tanto para a qualificação dos profissionais que nela trabalham, como no ambiente arquitetônico para o recebimento e permanência dos educandos com necessidades educacionais especiais, e, não menos importante, para a desconstrução e re-construção do projeto político pedagógico, fomentando e suprimindo com responsabilidade as demandas dos profissionais para que possam realizar um trabalho de qualidade no presente com vistas ao desenvolvimento da autonomia deste estudante como profissionais no futuro.

Mattos (2010, p.2) afirma ser necessário que “a gestão seja capaz de desenvolver múltiplas alternativas de organização, constituindo uma estrutura dinâmica que estimule e facilite responder com eficácia às novas demandas sociais”. Uma das estratégias de trabalho da gestão que pode contribuir no processo da construção de um olhar inclusivo na universidade pode ser por meio do plano institucional que ao ser proposto e incentive na universidade a construção de uma universidade e sociedade inclusiva, sendo que cada curso, ao formular seu projeto político pedagógico adote, a partir de profundas reflexões, posicionamentos necessários para que se ofereça uma educação de qualidades para todos os estudantes ,e assim por meio de um amparo legal eles possam tomar decisões relativas ao trabalho junto aos estudantes com necessidades educacionais especiais. A administração educacional, mediará a participação de todos nas decisões relativas ao desenvolvimento das atividades realizadas nos cursos de graduação .

Observa-se que não basta apenas que alguns se disponham para o trabalho, mas sim, que é uma movimentação de toda a instituição universitária comanda por uma gestão comprometida com a inclusão, em que todos juntamente busquem oferecer e realizar um trabalho de qualidade, ocupando um espaço em que todos os profissionais, apesar de atuarem em diferentes áreas do saber, possuam um mesmo objetivo. Entende-se, portanto, que o gestor não é o responsável único envolvido nas decisões burocráticas, mas atua como um articulador que envolve toda a equipe da instituição em busca da melhoria do processo educacional de todos, sem distinção (CARNEIRO e MENDES, 2008).

Neste contexto, no ensino superior, entende-se que ao desempenhar seu papel, o gestor media todo o trabalho da comunidade universitária de maneira que ela trabalhe de modo harmonioso, entendendo e respeitando a heterogeneidade que se faz presente.

Para a construção de uma proposta de gestão na perspectiva da educação inclusiva, é essencial que os gestores, para além de suas funções burocráticas, também se envolvam no processo pedagógico. Aranha (2011) contribui afirmando que gerir um espaço de ensino é mais do que uma atividade burocrática de zelar por normas legais preestabelecidas, mas também é uma atividade política e pedagógica. Observa-se que o gestor, muitas vezes, em razão de grande demanda de tarefas burocráticas, em sua atenção, ocupação e preocupação acaba despriorizando as questões pedagógicas, o que interfere de forma negativa no pleno desenvolvimento de uma proposta inclusiva que abrace toda a comunidade acadêmica. De acordo com Carneiro e Mendes (2008):

O gestor educacional antes de tudo é um educador. Enquanto tal, possui uma função primordialmente pedagógica e social, que lhe exige o desenvolvimento de competência técnica, política e pedagógica. Em sua gestão deve ser um articulador dos diferentes segmentos escolares em torno do projeto político pedagógico das escolas.

Os estudantes com necessidades educacionais especiais costumam apresentar tanto limitações como também habilidades que necessitam ser desenvolvidas (VIGOTSKY, 2000). Podem e devem receber o mesmo conteúdo que os demais colegas, mas em seu processo de ensino e aprendizagem apreenderão o conhecimento de uma forma subjetiva (VIGOTSKY, 1989). Contudo, isto também pode significar a necessidade de mudanças na organização da universidade e na atuação dos professores em sala de aula. Segundo Moreira (2005, p. 10):

“Na universidade, o professor, ao receber em sala de aula estudantes com necessidades especiais, enfrenta uma situação nova e desafiadora, já que, na grande maioria das vezes, desconhece as especificidades, os apoios e os recursos que esta demanda requer. Isto faz com que parte dos professores enfrente dificuldades iniciais relacionadas à falta de conhecimento e a tendência a uma representação negativa da deficiência. Uma organização administrativa e pedagógica que respeite as diferenças é possível e deve ser buscada por toda e qualquer instituição de ensino superior. Contudo, o respeito às diferenças e a igualdade de oportunidades para todos os alunos requer investimentos e ações governamentais nas próprias universidades.”

Percebe-se que o gestor tem um papel importante junto aos estudantes e professores, ele deve estar consciente e disposto à realizar, passo à passo, as mudanças e desenvolvendo suas funções administrativas também a favor do educando. Para Lima (2005):

“[...] é de que a gestão da instituição educacional esteja a serviço do trabalho pedagógico, e não o contrário. Assim, as funções administrativas passam a servir como subsídio para que a escola invista na qualidade do processo educativo.”

Não obstante, outro fator que, não somente os gestores atentarão, mas sim, todos os envolvidos no funcionamento da instituição, é quanto a adaptação do espaço físico, o qual observa-se muitas vezes que as universidades não se encontram, suficientemente, preparadas para receber esses estudantes. Neste caso, é necessário conscientização da equipe gestora para almejar e buscar condições de adequar o espaço arquitetônico para que este não seja um fator excludente, mas sim, que colabore para a integração dos estudantes no acesso aos diversos espaços físicos da universidade.

Neste sentido, é desejável haver uma gestão que reconheça e prime pela diversidade de seus educandos como algo positivo e próprio da espécie humana, buscando oferecer a cada universitário um ambiente acolhedor e oportunizador de possibilidades de aprendizagem. É por meio do gestor que o processo de inclusão pode ocorrer em toda amplitude da universidade, pois como articulador e interlocutor poderá mediar a construção de políticas pró- inclusivas nos espaços universitários. Nas palavras de Nanus (1992) é importante que “o gestor apresente conhecimentos e habilidades que favoreçam a integração, aceitação, e sucesso de estudantes com necessidades educacionais especiais .”

CAPITULO 3 – ANALISE DE DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Objetivo da Pesquisa

O objetivo da pesquisa realizada, geradora desta monografia, foi a identificação das dificuldades percebidas pelos coordenadores de cursos de graduação no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem dos universitários com necessidades especiais da Universidade de Brasília.

3.2 Metodologia de Pesquisa

A pesquisa se desenvolveu dentro de uma abordagem metodológica qualitativa Martins (2004, p 292) afirma que :

“as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais. Realizando um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade, os métodos qualitativos tratam as unidades sociais investigadas como totalidades que desafiam o pesquisador. “

No intuito de alcançar os objetivos da pesquisa a ser desenvolvida na Universidade de Brasília o método qualitativo foi escolhido por conter ferramentas de exploração que nos possibilitassem fazer uma melhor análise do objeto de estudo, devido seu caráter flexível quantos os métodos de coletas de dados , o exame e a análise dos dados obtidos que proporciona aos pesquisador . O tipo de pesquisa oportunizou uma descrição dos dados obtidos por meio do contato direto com o contexto estudado, na busca de desenharmos a perspectiva dos participantes a partir dos fatos sociais que envolvem o coordenador de curso de graduação, o universitário com necessidades especiais e que permeiam a prática

pedagógica. Esta pesquisa não tem a intenção de generalizar seus resultados, visto que eles são provisórios, dada a própria essência do processo educacional, cujo conhecimento é sempre construído e desconstruído para ser novamente construído.

Depois de realizada a pesquisa a análise foi feita por categorias. Após sucessivas leituras dos dados recolhidos , foram se estabelecendo algumas categorias com base em agrupamentos e reagrupamentos analógicos. E por último para uma melhor compreensão as categorias foram explicitadas por meio de gráficos e os resultados foram analisados.

3.3 Realização da Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Universidade de Brasília durante o período de abril de 2011 a março de 2012 , que contou com a participação de 33 coordenadores de diversos cursos. Foi feita uma entrevista com cada coordenador individualmente, em que 55% eram mulheres. Para realizar as entrevistas em sua maioria, as agendávamos por meio da comunicação com eles via e-mail, e em minoria nós marcávamos o encontro via telefone. O objetivo inicial da pesquisa era entrevistar a todos os coordenadores de todos os cursos da universidade, porém ao enviarmos, via e-mail, um convite formal para a sua participação na pesquisa poucos nos davam retorno com uma resposta. Ressalto que o acesso, contato e o interesse dos coordenadores em participar da pesquisa foi o obstáculo mais difícil enfrentado para a realização da pesquisa, pois aos explicarmos sobre a tal muitos não se disponibilizavam à participar, sendo assim no total de 104 coordenadores , apenas 33 se disponibilizaram a participar.

Ao se entrar em contato com os coordenadores agendávamos uma entrevista, esta foi realizada de forma individual em que eles deveriam responder as 8

questões .As perguntas a serem respondidas diziam respeito a definição do aluno portador de necessidades especiais ,a forma como ele é recebido pela universidade ,dificuldades enfrentadas trabalho desenvolvido junto a este aluno, capacitação do corpo docente e se o projeto político pedagógico do curso aborda a questão da educação inclusiva e como ele contribuir para o desenvolver do trabalho junto a estes estudantes.

Quando terminamos de entrevistar os coordenadores, foi realizada uma entrevista com o coordenador do programa de apoio aos alunos com necessidades especiais, na universidade de Brasília. As perguntas foram relacionadas a quem são estes alunos portadores de necessidades especiais, capacitação dos profissionais que trabalham junto a estes alunos, estratégias de apoio que possam contribuir para seu rendimento acadêmico, sobre as possíveis contribuições que o projeto político pedagógico de cada curso pode proporcionar e quais as conquistas e os almejos feitos pelo programa.

O instrumento abordava, dentre outras, questões como: a conceituação do universitário com necessidades especiais; as dificuldades enfrentadas pelo professor no trabalho pedagógico desenvolvido junto ao estudante; a capacitação do corpo docente e, se o projeto político pedagógico do curso refletia a questão da educação inclusiva e sua contribuição para a formação deste estudante.

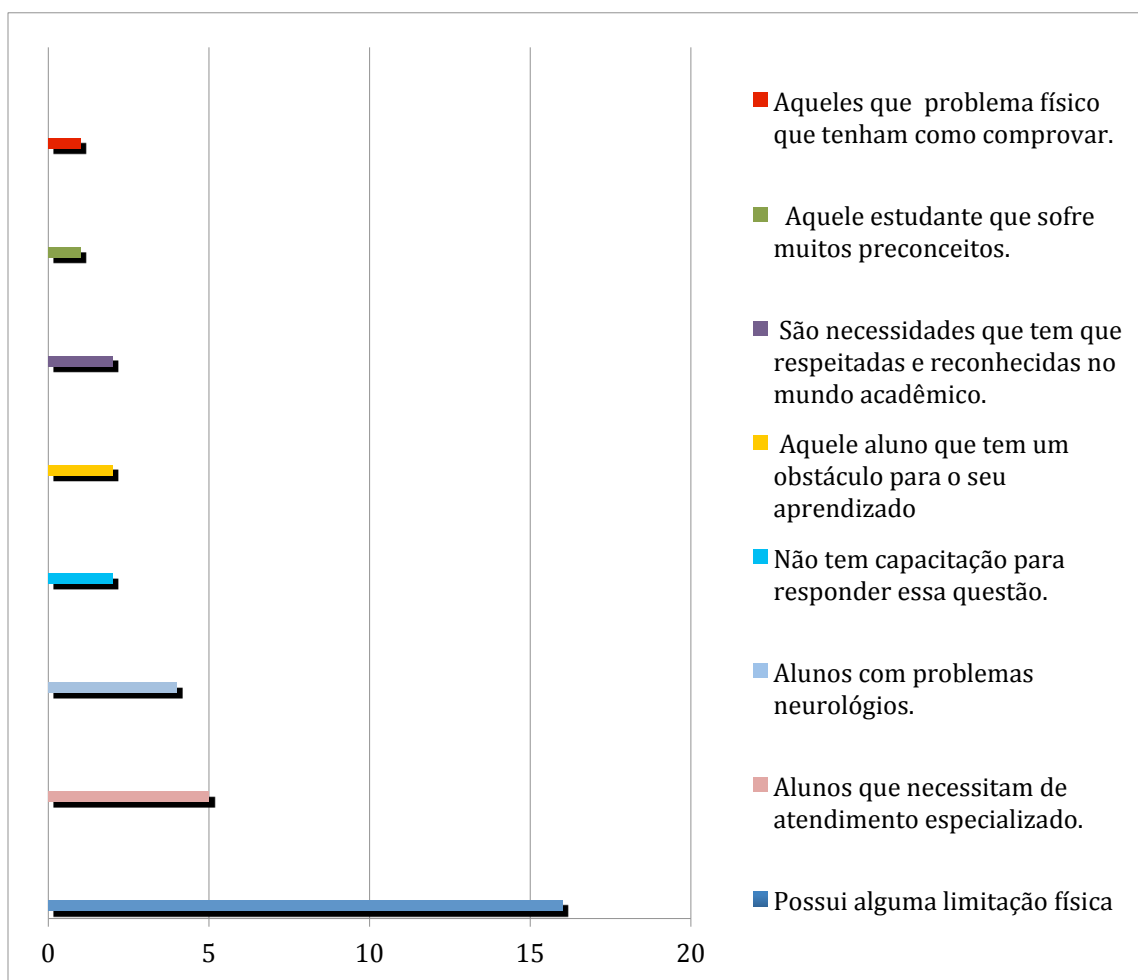
3.4 Apresentação dos Resultados e Análise de Dados

Dos sujeitos participantes da pesquisa, 55% eram do sexo feminino e 45% do sexo masculino. Para realizar a análise dos dados foram consideradas as

respostas e classificadas em 06 categorias. Para um melhor entendimento dos resultados obtidos, as mesmas serão representadas por meio de gráficos.

O gráfico 1 mostra a definição que os coordenadores possuem, ou não, a respeito de quem são os universitários com necessidades especiais.

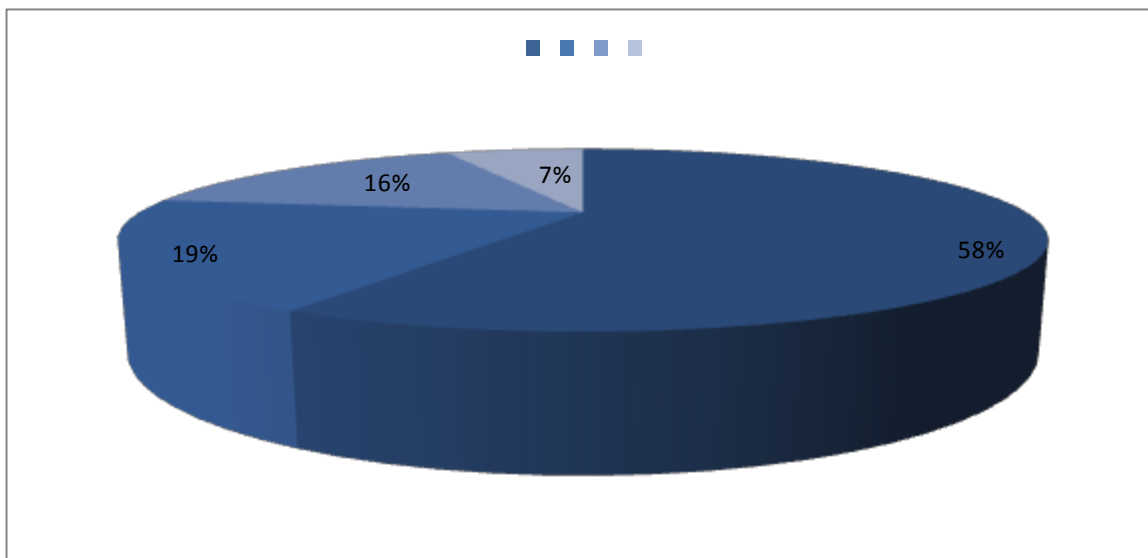
Gráfico I – Compreensão dos coordenadores sobre o universitário com NEEs.



Observamos que a maioria dos coordenadores relacionam, ao aluno portador de necessidades especiais, limitações físicas, com aquele que necessita

de um atendimento especializado. Alguns dos entrevistados não se acharam, profissionalmente, capacitados para responder esta questão, outros poucos relacionaram que o universitário com necessidades especiais como aqueles alunos que tem uma dificuldade de aprendizado, outros associaram ser aquele estudante que possui uma necessidade que necessita ser reconhecida e respeitada, menos coordenadores ainda definiu ser aquele estudante que tenha como comprovar (diagnóstico) e por último a minoria definiu como o aluno que ingressa na categoria de aluno portador de necessidades especiais. Por meio desta categoria observa-se que a ideia do educando com necessidades educacionais especiais apenas como aquele que possui uma limitação física ainda é muito forte, e por meio das outras repostas, exceto aqueles que responderam possuir capacitação para responder tal questão, percebe-se que os entrevistados fazem uma tentativa de definir quem são estes educando. Tal entendimento é de fundamental importância para o gestor de um curso de graduação no desenvolver do seu trabalho pois ao conhecer os seus educandos ele poderá observar quais são suas limitações , ter um melhor entendimento de como se dá seu aprendizado e condições necessárias para que ele aconteça, então com base nessas e em outras informações a coordenação junto ao corpo docente possa proporcionar a este educando condições para seu ensino-aprendizado. Para que se faça esse trabalho diferenciado os Saberes e Práticas da Inclusão (2006) coloca que o educador necessita conhecer as necessidades de seus alunos para que possa planejar o seu fazer pedagógico e estabelecer objetivos, e assim crie condições necessárias à inclusão.

Gráfico II - Qualificação dos professores para a mediação do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes com NEEs.

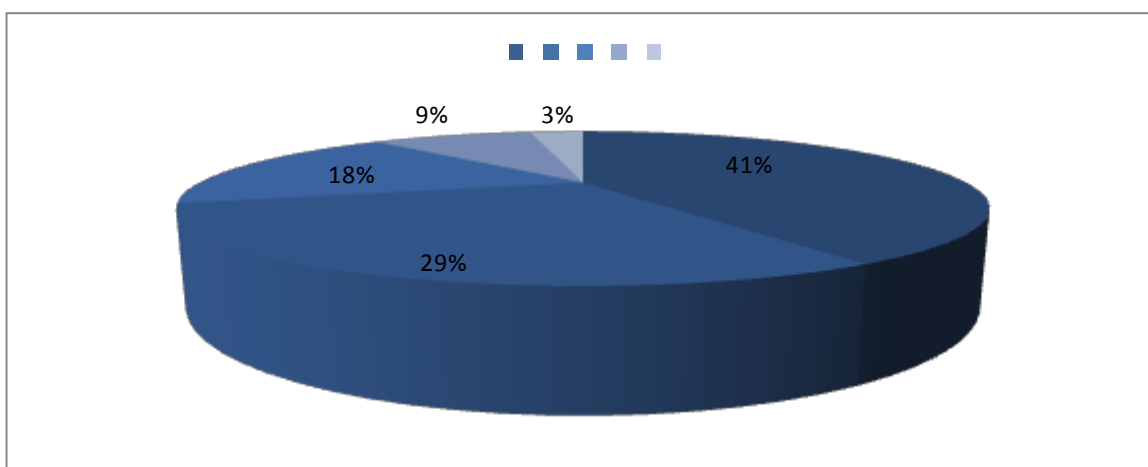


O segundo gráfico é relativo ao que pensam os coordenadores a respeito da qualificação dos professores para a mediação do processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Os resultados nos mostram que os coordenadores entendem que a maior parte (58%) dos professores dos cursos por eles coordenados não se encontra preparada para trabalhar junto aos estudantes com necessidades especiais numa perspectiva de educação inclusiva. Cerca de 19% do entrevistados não sabe dizer com certeza. Outros 16% dos entrevistados julga que parte do corpo docente se encontra qualificado, mas nem todos estão. A minoria dos entrevistados (7%) afirma que seus professores se encontram qualificados para esse trabalho.

A partir de tal dado observa-se a necessidade da promoção de uma melhor

qualificação do corpo docente pois , coordenador antes de tudo é também um educador e que mesmo como gestor, ou seja cumprindo funções administrativas dentro da instituição , pode, por meio de uma gestão participativa se capacitar e incentivar o corpo docente para isto também em vista de proporcionar aos seus educandos uma ambiente de aprendizado.

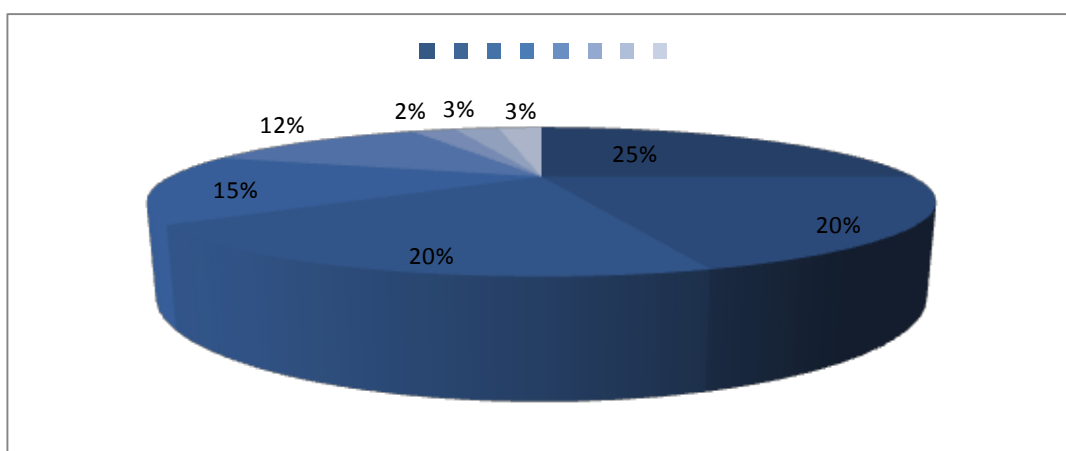
Gráfico III – Dificuldades encontradas pelos coordenadores dos cursos.



O terceiro gráfico refere-se as dificuldades encontradas para a realização de um trabalho pedagógico com qualidade junto aos estudantes com NEEs. Dos coordenadores entrevistados, 41% respondeu que a maior dificuldade se encontra na falta de materiais adequados e na acessibilidade. A falta de capacitação dos professores foi mencionada por 29% dos entrevistados. Cerca de 18% dos coordenadores disseram não haver alunos com NEEs matriculados em seus cursos de graduação. Problemas em não saber como “lidar” com estudantes com NEEs sem qualificação adequada é citado por 9% e outros 3% dos entrevistados acreditam que a falta de atendimento realizado pelo Programa de Apoio aos Portadores de Necessidades Especiais (PPNE) no período noturno dos cursos

aumenta suas dificuldades. Ouvimos da maioria dos gestores a respeito das dificuldades que a maior dificuldade é a ausência de materiais e quando pedidos demoram muito tempo para chegar, as vezes o estudante pela falta , desiste do curso , ou do seu próprio bolso compra o que necessita ou muitas vezes aprende meios de ludibriar a falta do material. Observa-se que há uma preocupação por parte dos gestores dos cursos em oferecer os materiais necessários aos seus educandos porém, no modelo de gestão que nós temos, ele depende necessariamente da autorização de uma gestão superior a ele em termos burocráticos, o que pode se tornar um grande obstáculo para o desenvolvimento do trabalho junto ao educando.

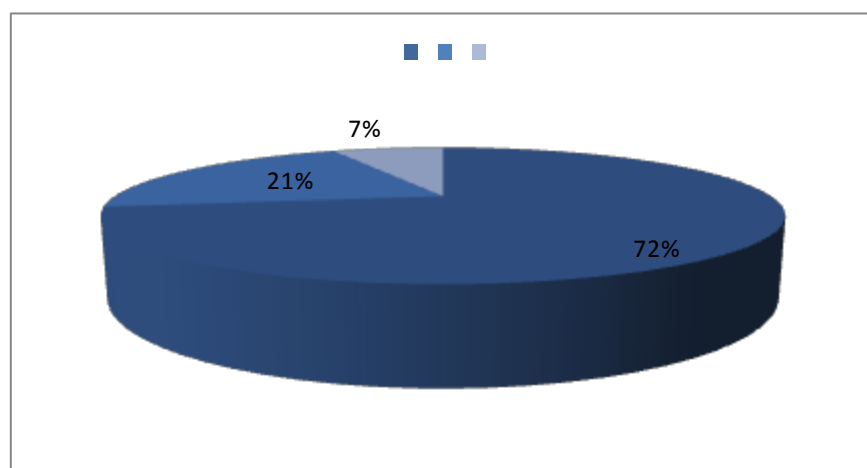
Gráfico IV - Estratégias de apoio para uma educação de qualidade.



O quarto gráfico trata a respeito das estratégias de apoio que contribuem para que os estudantes recebam uma educação de qualidade. A necessidade de maior capacitação dos professores é apontada por 25% dos entrevistados como a melhor estratégia de apoio para o desenvolvimento de uma educação de

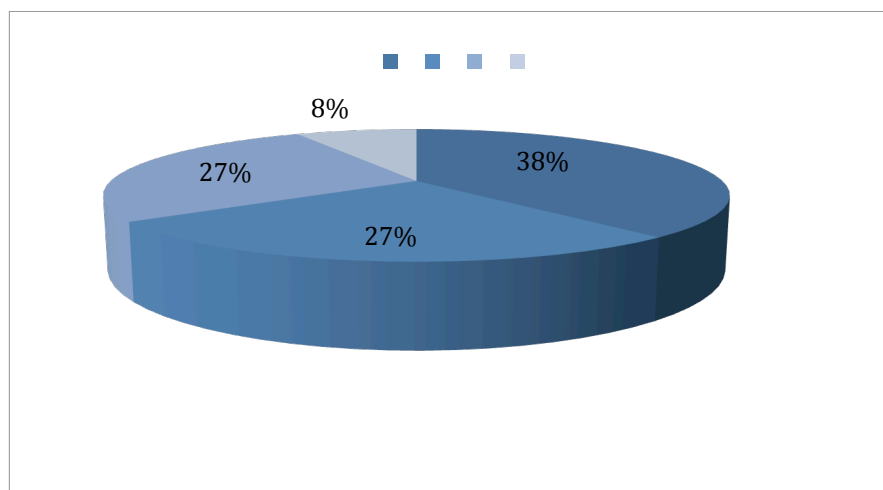
qualidade numa perspectiva inclusiva. Investimentos para a superação de barreiras arquitetônicas e favorecimento da acessibilidade foram mencionados por 20% dos coordenadores, já foram realizadas muitas conquistas com relação a essas barreiras , porém ainda muitas outras faltam como nós ouvimos de um coordenador a dificuldade de um aluno cadeirante em ter acesso ao segundo piso , sem contar com a presença de elevadores no prédio, o coordenador já havia pedido da reitoria uma maior atenção para este caso , porém nada havia sido feito até aquele momento. A mesma porcentagem refere-se ao investimento em materiais de apoio pedagógico. Já, 15%, sugere maior interação entre o PPNE e o Serviço de Orientação ao Universitário (SOU). Outros 12% dos coordenadores afirmaram que a adaptação nos processos avaliativos seria uma boa estratégia de apoio, porém para isso é necessário conhecer ao educando e a partir de sua subjetividade planejar o processo avaliativo. Outros 2% preferiram não responder por não terem estudantes com NEEs matriculados em seus cursos. A organização de grupos de apoio dentro da universidade foi citada por 3% dos coordenadores e outros 3% acreditam que a organização de uma comissão qualificada de apoio acadêmico ao estudante com NEEs poderia ser uma boa estratégia, pois muitos reclamaram a insuficiência do PPNE , em que os educandos do turno da noite são esquecidos pois o programa só funciona no turno diurno.

Gráfico V – O projeto político pedagógico e a questão da educação inclusiva.



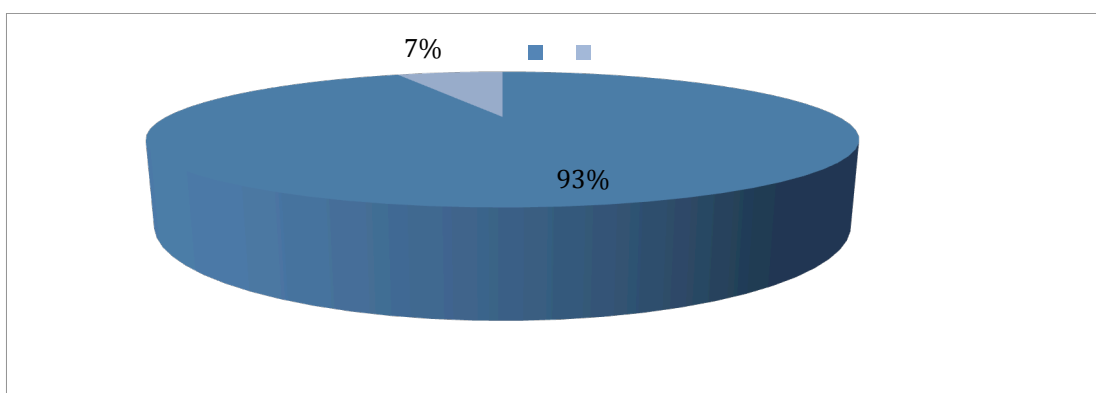
A quinto gráfico diz respeito ao projeto político pedagógico dos cursos, identificado se o mesmo aborda questões referentes à educação numa perspectiva inclusiva e o atendimento pedagógico adequado ao aluno com necessidades especiais. A maioria dos entrevistados (72%) respondeu que o projeto do curso não faz tal abordagem. Já 21% afirma que os projetos tratam sobre o tema. E outros 7% informaram que os projetos dos cursos estão em processo de construção ou reformulação. Podemos perceber durante as entrevistas que os gestores sentem falta de uma maior orientação sobre como pontuar no PPP estes educandos e orientações que apoiem sua passagem pela universidade.

Gráfico VI – Contribuições do PPP no processo de inclusão do universitário com NEEs.



Perguntamos aos participantes da pesquisa se haveria uma forma de o projeto político pedagógico dos cursos contribuir para a inclusão dos estudantes com necessidades especiais. Dos entrevistados: 38% menciona a necessidade de se pontuar questões relacionadas à realidade presente na vida acadêmica deste universitário, suas dificuldades e possibilidades de aprendizagem. 27% citou que não saberia como o PPP poderia trazer sua contribuição e outros 27% já afirmaram que os PPPs dos cursos deveriam prever políticas de atendimento e cursos de capacitação. E 8% disseram que o projeto político pedagógico institucional da universidade em consonância com os PPPs dos cursos de graduação devem discutir e tratar sobre as possíveis contribuições.

Gráfico VII – Participação em capacitação docente.



O sexto gráfico diz a respeito o oferecimento de capacitação aos professores no tocante a questões que circundam o processo de educação inclusiva no ensino superior. Dos entrevistados, 93% disseram que gostariam de participar de cursos de capacitação docente oferecidos pela universidade para o fortalecimento de uma educação inclusiva de qualidade no meio acadêmico. Entretanto, 7% disseram não ter interesse em capacitação nesta área.

Perguntamos também quais seriam os temas de interesse dos coordenadores para seus cursos de graduação. Foram citados: metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem; maiores informações sobre a educação inclusiva no Brasil.

4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apontam para a identificação, por parte dos coordenadores, participantes da pesquisa, que existem dificuldades para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico dentro de uma perspectiva de educação inclusiva, em que o gestor fazer parte e ligado a todo um sistema de funcionamento da instituição educacional superior pode encontrar muitas barreiras que pode limitar o trabalho a ser desenvolvido.

Observa-se que o entendimento sobre o estudante com necessidades especiais ainda se encontra centrado em questões físicas, biológicas, próprias de uma sociedade que valoriza o diagnóstico clínico e ignora que, na verdade, são estudantes com possibilidades de aprendizagem mesmo apresentando certas limitações. Assim a articulação pedagógica em prol do aluno e um olhar mais atento ao educando são grandes fatores que contribuem para o desenvolvimento do trabalho. Um fato da pesquisa que me chamou muito atenção foi que durante uma entrevista eu perguntei para a coordenadora se ela gostaria de fazer algum apontamento, deixei um espaço livre para que ela pudesse fazer alguma contribuição que desejasse, então ela chamou atenção justamente para a questão de perceber quais as possibilidades de aprendizagem do seus educando e deu como exemplo o caso de se ter uma aluno cadeirante ele não poderia ser professor de corrida , mas dentro do curso, ele tinha várias outras opções de atividades em que ele poderia focar durante seu curso e poder dar aulas.

A falta de materiais adequados e as barreiras arquitetônicas presentes na Universidade de Brasília são apontadas como grandes dificultadores no processo de inclusão do estudante com necessidades especiais, visto que muitos apresentam deficiências físicas.

O termo “capacitação de professores” é o mais citado durante as entrevistas por todos os participantes da pesquisa, e partindo do princípio que o gestor também é um educador. Evidencia-se que a capacitação de todos aqueles que estão envolvidos no processo de ensino é compreendida como um eixo principal que circunda o processo de ensino do universitário com necessidades especiais, desde as dificuldades de se desenvolver uma educação de qualidade na perspectiva inclusiva até ser mencionada como estratégia necessária a ser considerada nos projetos pedagógicos dos cursos. As metodologias e estratégias de ensino estão presentes nas temáticas desejadas pelos coordenadores de curso a serem abordadas

Observamos também que a questão do Projeto Político Pedagógico dos cursos é uma questão delicada pois muitos não abordam a questão e aqueles que abordam citam apenas a respeito da questão de forma superficial apenas para cumprir uma legislação colocada pela instituição. Oliveira, Souza e Bahia (2011, p. 41) entendem que para a elaboração de uma PPP tem de partir, necessariamente, de uma concepção de educação, na qual essa concepção irá nortear os procedimentos, processos, atividades, organização administrativa e pedagógica, estruturação curricular, organização dos tempos e espaços educativos, sendo assim observamos a importância do PPP ser pensado e articulado a partir de uma perspectiva inclusiva pois ele irá direcionar e apoiar o trabalho educacional a ser desenvolvido.

Pensamos que não é suficiente o investimento em materiais, acessibilidade e capacitação de professores para favorecer uma educação inclusiva que contemple os verdadeiros princípios de igualdade e oportunidade para todos, sem distinção. É necessário também que invistamos em reflexões e discussões profundas sobre como esse processo de inclusão se dá, a começar pela identificação de barreiras atitudinais que podem se encontrar presentes em nosso próprio comportamento, muitas vezes, repleto de preconceitos que não estão explicitados em ações materializadas, mas em nosso pensar e falar e que acabam sendo refletidos no dia a dia junto à comunidade acadêmica. Essas transformações não acontecem repentinamente, mas são construídas ao longo do tempo, num processo contínuo e demorado, pois requer empenho e consciência de todos nós. Este talvez seja um dos maiores desafios dos coordenadores para com os curós de graduação.

A pesquisa também nos revela a importância do envolvimento dos gestores em reflexões e discussões sobre a temática. Não apenas na área pedagógica, como no caso dos coordenadores de cursos, mas também na área administrativa, pois são extremidades que se complementam na construção políticas pró-inclusivas como também na concretização de ações propostas. Cury (2011) contribui e afirma que a gestão democrática e envolvida no processo educacional faz com todos da instituição e educativa, e para fora dela, se envolvam com um projeto político pedagógico de qualidade em vistas de gerar cidadãos ativos e que participem da sociedade na qual vivem.

Embora o processo de desenvolvimento de uma educação de qualidade para todos caminhe a passos lentos por diversas razões, encontramos profissionais desejosos de melhorias e também receptivos para a troca de ideias e experiências. Isto faz toda a diferença para continuarmos a caminhada.

Parte III

Perspectivas Futuras

Percebo minha graduação como o início de um longo caminho , a pedagogia tem feito grandes contribuições não só com relação a a minha vida profissional mas também ao dia a dia na questão de me relacionar com as pessoas ao meu redor pois contrubuiu para construção de uma olhar mais sensível com relação as pessoas e a sociedade no qual vivemos, provocando o desejo de somar e então , ao começar de mim, ser e fazer as que desejo ver no mundo.

Já trabalho na área de educação, mais especificamente na educação infantil, onde possuo no ano de 2012 trabalhei com uma turma de Jadim I e esse ano de Maternal II, mas atuo como professora auxiliar, portanto, minha perspectiva mais imediata é a de assumir uma turma como professora regente, sempre respeitando o sujeito e suas significâncias.

Os próximos passos virão com o tempo, onde pretendo fazer uma especialização na área de educação especial e/ou inclusiva e posteriormente iniciar um mestrado na Universidade de Brasília.

Acredito que independente dos caminhos que trilharei, sempre procurarei levar nas minhas atitudes o aprendizado feito por meio da área que mais me

proporcionou e proporciona prazer e felicidade, que é a educação. Pretendo deixar, por onde eu passar, coisas boas, contribuições relevantes quanto à educação dos diversos sujeitos e suas significações e ser lembrada por elas. A Faculdade de Educação foi o primeiro passo e vai deixar saudades.

Agradeço a todos os profissionais que fazem da Universidade de Brasília um espaço onde a diversidade circula com toda sua significância!

Referências Bibliográficas

ARANHA, A . S .A. **Gestão e organização do trabalho escolar: novos tempos e espaços de aprendizagem.** In Gestão Educacional Novos Olhares Novas Abordagens. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

BAHIA, M.G.M, OLIVEIRA, M. A , SOUZA, M. I. S. **Projettp Político Pedagógico: da construção a implementação.** In Gestão Educacional Novos Olhares Novas Abordagens. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

BRASIL. *Lei n° 9394 - Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional.* Brasília, 20/12/1996.

BRASIL. Ministério da educação. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário oficial da União. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRASIL. Ministério da educação. **Diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial.** Brasília, 2009. Disponível em :

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf acesso em :24/09/2012.

BRASIL. Ministério da Educação . **Portaria N 1793.** 1994 Disponível em :

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port1793.pdf> Acesso em : 04/07/2013.

BRASIL. **Plano nacional da Educação.** Brasília, 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf> Acessado em 03/06/2012.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.617.2011.** Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7617.htm
Acesso em : 04/07/13.

CARNEIRO, R. U. C. e Mendes, E. G. **Gestão Escolar Inclusiva.** Revista científica **SER- Saber, Educação e Reflexão.** São Paulo: Agudos., V. 1, n. 1, Jan-Jun / 2008.

Chauí, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva.** In: Revista Brasileira de Educação, n 24 , 2003, São Paulo.

Conferência Mundial sobre Educação Superior .UNESCO, Outubro de 1998.
Disponível em : <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Direito-a-Educacao/declaracao-mundial-sobre-educacao-superior-no-seculo-xxi-visao-e-acao.html> Acesso em: 04/06/2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Gestão democrática dos sistemas públicos de Ensino** . In Gestão Educacional Novos Olhares Novas Abordagens. Rio de Janeiro, Vozes, 2011.

Ferrari, Mirian A L Dias e Sekkel, Marie Claire. **Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio** . Brasília, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932007000400006&script=sci_arttext
Acesso em 23/09/2012.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo; Guimarães Marly. **Educação Inclusiva.** Rio de Janeiro: DPEA, 2003.

LIMA,L. **Apertem os cintos, a direção (as) sumiu! Os desafios da gestão nas escolas inclusivas.** IN: RODRIGUES,D., KREBS, R. e FREITAS, S. N (orgs).**Educação Inclusiva e Necessidades Educacionais Especiais.** Santa Maria: Ed. UFSM, 2005..

MACHADO, L. M. e MAIA, G. Z. A. **Administração e Supervisão Escolar: questão para o novo milênio.** São Paulo: Pioneira, 2000.

MANTOAN, Maria Teresa E. **O verde não é o azul listado de amarelo: considerações sobre o uso da tecnologia na educação/reabilitação de pessoas com deficiência**⁽¹⁾. Rio de Janeiro, INES 2002. Disponível em: <http://www.bancodeescola.com/verde.htm> Acesso em : 23/07/2012.

MARTINEZ, M. M e TACCA, M. C. V. R. **Possibilidades de Aprendizagem : Ações Pedagógicas Para Alunos com Dificuldade e Deficiência.** São Paulo: Alínea, 2011.

MARTINS, Heloisa T.S. **Metodologia Qualitativa de pesquisa.** São Paulo. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf> . Acesso em : 30/07/13.

MATTOS, Graciele Fernandes Ferreira. **Gestão Democrática e inclusão escolar: um possível diálogo.** Juiz de Fora,2010.

MOREIRA, Laura Ceretta. **A universidade e o Aluno com Necessidades educacionais Educativas Especiais: Reflexões e proposições.** In: Educação Especial, Do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

MOREIRA, Laura Ceretta. **Retratos da prática avaliativa no contexto da sala de aula universitária com alunos com necessidades educacionais especiais.**

UFPR, 2005. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt15/gt151025int.rtf>. Acessado em
15/05/2012.

NANUS, B. **Visionary leadership: Creating a compelling sense of directions for your organization**. San Francisco: Jossey-Bass, 1992.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). **Declaração de Salamanca**. 1994. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2012.

SOUZA MARTINS, H.H.T. **Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>>. Acesso em: 17/07/2010.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Completas – Fundamentos de Defectologia**. Ciudad de La Habana, Cuba: Editorial Pueblo Y Educación, 1989.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

. **Secretaria de Educação Especial. Legislação Específica. 2011** em:
<<http://portal.mec.gov.br/seesp>>. Acesso em: 28 de Maio . 2013

Nº 277/Mec/GC. 1996. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aviso277.pdf> Acesso : 30/07/13.

Secretaria de Educação Especial . **Saberes e Práticas da Inclusão: Avaliação para a Identificação das Necessidades Educacionais Especiais**. 2009
Disponível em : <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/avaliacao.pdf>

Acesso em : 30/07/2013.

ANEXO

ENTREVISTA APLICADA AOS COORDENADORES

Ilmo (a). Sr.(a)

Prof.

Coordenador do Curso de...

Prezado (a) Coordenador (a):

Sou estudante da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB e estou realizando um estudo e pesquisa sobre **“O universitário com necessidades especiais na UnB - conquistas, dificuldades e desafios de uma educação inclusiva”**. Este estudo poderá fornecer à UnB subsídios para o planejamento de políticas públicas para a diversidade e de adequações no projeto político pedagógico de seu curso com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos universitários em contextos inclusivos.

Constam da pesquisa aplicação de questionário a ser enviado por e-mail ao coordenador com o intuito de investigar questões relacionadas à acessibilidade e ao processo de ensino e aprendizagem do universitário com necessidades especiais. Similarmente, a realização de entrevista com os coordenadores de todos os cursos de graduação da UnB para ouvi-los de maneira mais subjetiva quanto às dificuldades, sugestões e outras considerações que queria fazer.

Para tanto, solicito sua autorização para participar dessa pesquisa. Esclareço que essa participação é voluntária. O (a) Senhor (a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não lhe acarretará qualquer prejuízo. Suas contribuições aparecerão na pesquisa tanto na análise geral de dados como de maneira mais específica relacionado ao curso sob sua coordenação.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Nathalia Rocha do Nascimento

Orientadora Prof. Sílvia Ester Orrú

Faculdade de Educação - UnB - Área: Educação Inclusiva.

Coordenador/Participante da Pesquisa

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Local e Data / Assinatura

Data: _____

Coordenador do curso de _____

Sexo: () F () M

Email: _____

1. Quem é para o senhor (a) o universitário com necessidades especiais?
2. Os professores do Curso se mostram capacitados para trabalharem junto ao universitário com necessidades especiais?
3. Quais as dificuldades encontradas no trabalho junto a universitários com necessidades especiais?
4. Quais as estratégias de apoio que podem contribuir para a qualidade no rendimento acadêmico deste estudante?
5. O Projeto Político Pedagógico do Curso aborda a questão da educação inclusiva? O que o (a) senhor (a) pensa a respeito?

6. Como o Projeto Político Pedagógico pode contribuir no processo de inclusão do universitário com necessidades especiais?
7. Como o (a) senhor (a) avalia o processo de inclusão de universitários com necessidades especiais na UnB?
8. O (a) senhor (a) participaria de um curso de capacitação sobre o processo de educação inclusiva de universitário com necessidades especiais? O que esse curso deveria abordar em sua opinião?
9. Outras considerações que queira fazer.